

CONTRIBUIÇÃO
R\$5

CARTILHA ESPECIAL
OPINIÃO SOCIALISTA

CRISE E DEGENERACÃO DO PT



E A CONSTRUÇÃO DE UMA ALTERNATIVA
SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

PSTU

ÍNDICE

Apresentação	3
A falência de um projeto	3
As ilusões num capitalismo humano	3
Por que o PT se envolveu em corrupção?	3
O PT e a farsa da soberania sem ruptura com o imperialismo	3
É possível reformar o Estado brasileiro e seu regime político?	3
O balanço de um fracasso	3
Construir uma alternativa para os trabalhadores	3

APRESENTAÇÃO

Esta série de sete artigos foi escrita entre maio e agosto de 2015, quando a crise do governo Dilma e do PT ainda não estava em seu auge. O objetivo era oferecer ao nosso leitor uma análise sobre a história e as origens da falência do projeto petista.

Tanto a crise quanto a degeneração do PT evoluíram de maneira vertiginosa. A tal ponto que é possível que quando este folheto chegue às mãos de muitos leitores já não exista o governo de Dilma, Lula e seus aliados burgueses.

Ao nosso entender, isso só confirma as análises e caracterizações desenvolvidas neste trabalho: a falência do projeto oportunista de um partido reformista burguês e sua tentativa de administrar o capitalismo brasileiro em crise.

No entanto, é importante assinalar que este texto não se propõe a ser um trabalho jornalístico ou uma tese acadêmica sobre o PT. Ao contrário, seu objetivo manifesto é lutar contra a desmoralização e a confusão causadas pela vergonhosa degeneração do PT e contribuir para o debate e a ação para a construção de uma alternativa revolucionária e socialista.

Nesse sentido, é um chamado à luta, principalmente para as gerações mais jovens da classe trabalhadora. Quando toda uma velha geração de militantes se desmoraliza pela traição e pela corrupção de seus líderes, é hora de uma nova geração empunhar, novamente, as bandeiras do socialismo e da revolução, livres das manchas do oportunismo.

Esperamos que este modesto texto contribua para este despertar.

Bernardo Cerdeira
São Paulo, abril de 2016

CRISE E DEGE

**E A CONSTRUÇÃO DE UMA
ALTERNATIVA SOCIALISTA
E REVOLUCIONÁRIA**

DOPS

Nº 1

GERAÇÃO DO PT



POR **BERNARDO CERDEIRA**

A FALÊNCIA DE UM PROJETO

GOVERNAR O BRASIL COMO UMA POTÊNCIA CAPITALISTA COM PEQUENAS REFORMAS SOCIAIS

Em junho de 2015, o Partido dos Trabalhadores realizou seu congresso em meio a uma profunda crise. Ao comemorar 35 anos de sua fundação, o PT via o governo Dilma alcançar um grande desprestígio depois de aplicar um ajuste fiscal contra os trabalhadores. Em menos de um ano, esse desprestígio chegou a níveis nunca antes imaginados.

A crise do governo e o envolvimento dos dirigentes partidários em tremendas denúncias de corrupção atingem duramente o partido. Milhões de trabalhadores se sentem enganados pelas promessas do PT, decepcionados, traídos e se afastam da organização. A direita ganha confiança, e até setores que defendem a volta dos militares saem às ruas para disputar a insatisfação popular.

O PT atual não é sequer uma caricatura da organização que gerou uma grande expectativa em milhares de militantes: de que era possível construir um verdadeiro partido de trabalhadores, defensor dos explorados e oprimidos, que combatesse a corrupção e fosse capaz de liderar uma mudança social profunda no país.

Essa esperança se foi. Não se trata, portanto, de uma crise circunstancial, passageira. É a crise de um projeto político, de uma estratégia de governo, de um programa, de uma política de alianças, de um modelo de partido. Diante de um abalo de tamanha proporção, é preciso buscar as explicações mais profundas para a degeneração do PT.

O PT foi se adaptando à política burguesa e terminou aplicando os mesmos métodos que dizia combater. Isso é parte da verdade. Mas por

que se adaptou? Por que se corrompeu? Por que não houve resistência de setores dirigentes? Qual foi a lógica política e a ideologia que sustentaram esse caminho?

A resposta a essas e outras perguntas é decisiva para o futuro da classe trabalhadora no Brasil. A etapa aberta com a fundação do PT e da CUT, no começo dos anos 1980, chegou a um beco sem saída. É preciso encontrar uma nova estratégia e um novo caminho que retome a luta histórica dos trabalhadores e dos oprimidos do país. Este texto se propõe a abrir esse debate.

O projeto estratégico do PT

A estratégia que norteou a política dos governos do PT nestes 13 anos não nasceu hoje, nem foi fruto de uma traição. Foi fruto de um projeto que começou a ser elaborado muito antes.

É verdade que, em sua fundação e nos primeiros anos de sua existência, o PT se reivindicava um partido que defendia os direitos dos trabalhadores e demais setores explorados. Lutava contra a ditadura militar e contra o imperialismo (defendia, por exemplo, a ruptura com o FMI e a moratória da dívida externa) e se autodenominava, genericamente, socialista. A contradição é que sua direção, encabeçada por Lula, procurava, desde o início, impor um projeto de aliança com partidos burgueses para governar.

A partir de 1989, com a derrota de Lula para Fernando Collor, com a integração crescente do PT ao aparelho do Estado (ao eleger deputados, prefeitos e vereadores) e com a nova situação criada a partir da queda dos regimes stalinistas no Leste Europeu e na União Soviética (URSS), essa concepção estratégica se impôs plenamente. Em que consistia?

Para a direção do PT, o diagnóstico da situação mundial e nacional era claro. Afirmava que a queda da URSS e dos demais regimes stalinistas significava que o socialismo havia fracassado. Portanto, o capitalismo tinha demonstrado ser um regime forte e poderoso, inquestionável. Nesse quadro, o socialismo era uma utopia inalcançável. Os trabalhadores deveriam abrir mão do objetivo de tomar o poder e de constituir seu próprio governo.

A única estratégia possível seria chegar ao governo por meio de eleições, em aliança com setores burgueses progressistas. Essa política se materializou na eleição de Lula, em 2002, tendo como vice José Alencar, o

maior empresário têxtil do país. Depois, se aprofundou nas alianças de governo do PT com partidos de direita, como PMDB, PTB e até PP.

Essa estratégia exigia a defesa do sistema capitalista e do regime político antidemocrático que existe no país, isto é, a defesa da Constituição atual, do chamado Estado de Direito e de suas instituições, como o Judiciário, o Legislativo e, principalmente, as Forças Armadas, que defendem claramente as classes exploradoras.

A justificativa da direção do PT para essas alianças era que elas permitiriam que o partido chegasse ao governo e realizasse reformas que melhorariam a situação dos trabalhadores e diminuiriam a desigualdade social por meio de uma melhor distribuição de renda, tirando um setor da população brasileira da miséria absoluta.

O mito do empreendedorismo

O PT e seus governos insuflaram os trabalhadores a acreditar que seria possível uma ascensão social duradoura através de políticas de distribuição de renda. Entre elas, estavam as políticas sociais compensatórias como o Bolsa Família. De outro lado, estava o acesso ao crédito para facilitar o consumo, a educação superior privada (Fies e ProUni) e o empreendedorismo individual dos pequenos negócios. Com isso, criou-se o mito de que estaria surgindo uma nova classe média.

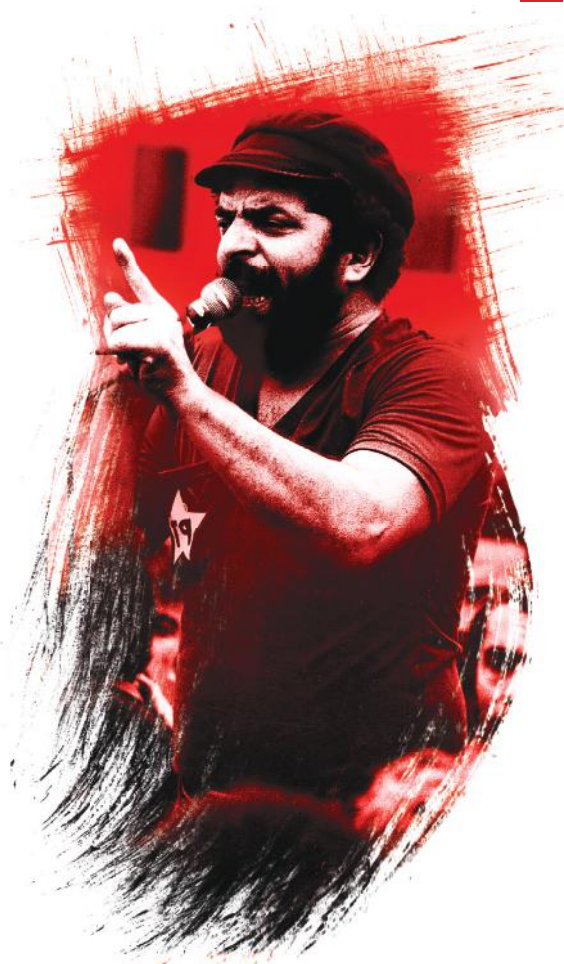
Mas não se pode governar dentro do capitalismo sem privilegiar os donos do capital, ou seja, as multinacionais, os bancos, as grandes indústrias, o agronegócio e as empreiteiras. No governo, o PT fez isso de diferentes maneiras: mantendo as altas taxas de juros que favoreceram os bancos; aprovando isenções fiscais a setores empresariais como o setor automobilístico; por meio de privatizações disfarçadas sob a forma de concessões etc. Além disso, o BNDES atuou como instrumento de fortalecimento de grandes grupos nacionais. As empreiteiras foram tremendamente favorecidas com as obras de infraestrutura e da Petrobras, e os grandes grupos privados do setor educacional foram beneficiados com o ProUni e outros programas.

A ilusão do Brasil como potência capitalista

Em relação ao lugar do Brasil no mundo, a direção do PT semeou ilusões de que o país poderia chegar a ser uma nação capitalista desenvol-

vida, uma grande potência, um país soberano e independente sem romper com o imperialismo e seus organismos e tratados. Ao contrário, em boas relações e em acordo com os Estados Unidos.

A Carta aos Brasileiros, publicada por Lula antes das eleições de 2002, em que ele se comprometeu a respeitar os acordos firmados pelo país (leia-se pagar a dívida externa e interna aos banqueiros nacionais e internacionais e respeitar a propriedade capitalista), foi a manifestação mais clara do compromisso do PT com o capital financeiro nacional e internacional.



Cooptação dos movimentos sociais

Para aplicar esse projeto, era essencial para o PT não só o apoio dos sindicatos e dos movimentos sociais ao governo, mas também sua atuação para impedir possíveis mobilizações. Para isso, utilizou várias medidas de cooptação: ganhar os ativistas para priorizar as eleições, ter como objetivo a eleição de parlamentares, integrar sindicalistas em cargos de confiança e em postos chave do governo, dar aos sindicatos o controle dos fundos de pensão, como a Previ e a Funcef, destinar parte do imposto sindical para as Centrais Sindicais etc. Com isso, as principais centrais e grande parte dos movimentos sociais passaram a ser meros instrumentos de desmobilização dos trabalhadores e de defesa do governo.

Gestores da crise do capitalismo

O discurso da direção do PT procura aparentar uma mistura de reformismo (de que é possível fazer reformas dentro do capitalismo) com o antigo discurso burguês nacional-desenvolvimentista. Mas por que esse discurso não surte mais efeito e é repudiado como hipócrita por milhões de trabalhadores?

Porque a realidade fala mais do que milhares de palavras. A prática do governo do PT é oposta ao seu discurso. O governo tem sido o principal agente do imperialismo e da burguesia para fazer o ajuste econômico que nada mais é que obrigar os trabalhadores a pagarem pela crise. Para isso, o governo Dilma encabeça o ataque aos direitos sociais como o seguro-desemprego; aumenta a tarifa de luz e os combustíveis; e coloca o ministro da Fazenda, o banqueiro Joaquim Levy, para negociar o PL das terceirizações no Congresso.

No governo de um Estado capitalista, o PT não pode fugir da lógica de um gerente de negócios do capital. Quando chegam as crises produz-se, inevitavelmente, uma redução da renda nacional. A burguesia procura aumentar a exploração e destrói as políticas de distribuição de renda anteriores. No plano internacional, o imperialismo aumenta a exploração dos países dependentes para tentar superar a crise econômica mundial. O gerente obedece as ordens dos patrões. O PT cumpre as determinações dos verdadeiros donos do poder de Estado, defende o capitalismo e ataca os trabalhadores. Essa é a essência da crise atual do governo.

Corrupção

O envolvimento do PT nos grandes esquemas de corrupção e na formação dos cartéis de grandes obras e serviços, além da óbvia corrupção de seus dirigentes, obedece à mesma lógica. A corrupção é um instrumento a serviço da acumulação capitalista burguesa baseada na pilhagem do Estado. Em todos os países capitalistas, no Brasil talvez de forma exacerbada, a corrupção e o roubo fazem parte do jogo democrático. Ao se colocar à frente do Estado burguês capitalista, a direção do PT passou a reproduzir os métodos burgueses de gestão pública.

Uma alternativa socialista e revolucionária ao PT

A conclusão é evidente: o projeto do PT que resumimos até agora faliu e entrou em crise junto com o partido. É preciso que surja uma alternativa partidária que represente os interesses históricos da classe trabalhadora. Estão abertas as condições para que essa alternativa se desenvolva.

No entanto, o surgimento de novos partidos de esquerda que repitam e privilegiem a mesma estratégia do PT, longe de ser uma solução, significa aprofundar a crise. Então, que tipo de partido, programa e organização de classe necessitamos? Começar este debate para construir um forte partido socialista dos trabalhadores será uma tarefa de milhares de ativistas do movimento sindical e popular.



Lula é apoiado por Mário Covas (PSDB) e Leonel Brizola (PDT) no segundo turno das eleições presidenciais de 1989

AS ILUSÕES NUM CAPITALISMO HUMANO

Diante do desgaste crescente do governo Dilma, dos escândalos de corrupção e da crise do PT, a principal defesa da direção desse partido é que, durante seus governos, a vida dos trabalhadores melhorou. No entanto, apesar dos benefícios para alguns setores por um breve período, no final tudo não passou de uma miragem que está sendo desfeita pelo próprio governo.

Durante anos, o PT vendeu a ilusão de que seria possível para os trabalhadores melhorar de vida de forma permanente e constante dentro do sistema capitalista desde que o mesmo fosse humanizado com políticas de distribuição de renda promovidas pelo Estado. Obviamente, sob a administração de governos petistas e seus aliados.

Assim, a classe trabalhadora não teria necessidade de travar uma luta duríssima para conquistar e defender seus direitos e melhorar seu nível de vida contra a crescente exploração da burguesia. Também não precisaria se organizar coletivamente para isso. E muito menos, fazer uma revolução para acabar com a exploração e com o capitalismo. Seria suficiente seu esforço individual para ascender, com o apoio do Estado e com a benesse dos capitalistas. No plano político, bastaria votar no PT.

No governo, as medidas de distribuição de renda foram dirigidas aos setores mais pobres da classe trabalhadora com as chamadas políticas sociais compensatórias (Bolsa Família, Luz para Todos, Mais Médicos, entre outras). A segunda vertente dessa política foi a de facilitar o crédito, incentivando o consumo das famílias trabalhadoras. Parte im-

portante desse incentivo foi o crédito imobiliário pelo programa Minha Casa, Minha Vida.

Outra política foi a de incentivar o desejo natural dos trabalhadores de fugir de sua condição de assalariados para ter seu próprio negócio. Para isso, o governo estimulou o empreendedorismo, facilitando o crédito aos pequenos e microempresários. No mesmo sentido, procurou atender à aspiração de ascensão social através do acesso à educação universitária, facilitando o crédito estudantil pelo Fies e pelo ProUni.

Fim de uma ilusão...

Por que dizemos que essas medidas eram parte de uma grande ilusão? Por um lado, boa parte delas, como o Bolsa Família, são paliativas, isto é, não resolvem o problema central da classe trabalhadora: não atacam a exploração capitalista e sequer garantem emprego, salário digno e direitos trabalhistas e sociais de forma duradoura. Além disso, podem ser revogadas pelo próximo governo.

Por outro lado, as medidas de crédito, além de comprometerem o orçamento das famílias trabalhadoras por anos, são permanentemente ameaçadas pelas crises econômicas que podem fazer com que os trabalhadores percam seus bens, seus esforços e até suas casas.

No entanto, durante um tempo, essas medidas pareciam funcionar. A situação econômica do país era estável devido, principalmente, ao alto preço internacional das matérias primas, o que permitia ao governo sustentar essas políticas. Os ideólogos do PT criaram o mito de que estaria nascendo uma nova classe média. Nada mais falso: eram apenas trabalhadores que puderam consumir durante um breve período à custa do seu endividamento e de sua família. Com a crise econômica, essa ilusão acabou.

Ajuste fiscal: o PT contra os trabalhadores

Ao atingir o Brasil em cheio, a crise econômica mundial mostrou a verdadeira cara do PT. Seu discurso é de defesa dos trabalhadores, a favor de reformas para melhorar seu nível de vida. Sua política concreta, porém, é a favor dos capitalistas e contra os trabalhadores. Isso se vê, hoje, nas práticas do governo.

Os capitalistas exigiram do governo Dilma um duro ajuste fiscal, o que significa que os trabalhadores devem suportar o custo da crise com a per-

da de direitos sociais duramente conquistados, o aumento da inflação e o desemprego. Essa é a política mundial do imperialismo. Que o digam, por exemplo, os trabalhadores da Grécia, da Espanha, de Portugal e de toda a Europa.

O PT não só concordou totalmente com essa política de ajuste como se tornou o principal gerente-executivo da sua aplicação, ou seja, o agente da política do imperialismo. Dilma nomeou um banqueiro, Joaquim Levy, homem do Bradesco, como ministro da Fazenda para aplicar o ajuste com total apoio da presidente. Levy caiu e foi substituído por Nelson Barbosa, mas a política de ajuste continuou a mesma.

A direção do PT, incluindo o próprio Lula, argumenta que o ajuste é um sacrifício necessário. Segundo eles, num momento de dificuldades econômicas, é preciso fazer como as famílias que passam por situações difíceis: cortar despesas para colocar as finanças em ordem e poder prosperar de novo quando o pior passar.

O problema é que essa comparação é uma farsa para dar a impressão de que todo o país está fazendo sacrifícios para superar a crise. Pura mentira. Não há ajuste para os ricos. Os bancos e o agronegócio mantêm lucros fabulosos. As montadoras e outras empresas se beneficiaram com isenções de impostos e mantiveram seus lucros. Os únicos que estão sofrendo com o ajuste do PT e dos capitalistas são os trabalhadores e o povo pobre.

Duros ataques...

As medidas provisórias 664 e 665 promovidas pelo governo afetam, principalmente, os jovens e as mulheres trabalhadoras. Os cortes e as dificuldades para conseguir o Fies prejudicam os estudantes que acreditaram e se endividaram para tentar conseguir um título universitário. O governo aumentou as tarifas de luz em mais de 40%. O aumento do preço da gasolina e dos derivados de petróleo incide sobre todos os produtos e penaliza a população. Os cortes em saúde, em educação e nas obras do PAC provocam milhares de demissões.

Como se não bastasse, são os trabalhadores que pagam pela corrupção. O escândalo da Petrobras, além de mostrar o roubo descarado de dinheiro público pelos partidos da base aliada e pelo cartel das empreiteiras, também levou à crise da estatal, à paralisação de obras e à demissão de centenas de milhares de trabalhadores da construção e dos estaleiros.



O Congresso Nacional, dirigido hoje pelo PMDB de Eduardo Cunha, presidente da Câmara, e de Renan Calheiros, presidente do Senado, soma-se ao ataque aos trabalhadores e ao país. Em acordo com o governo, aprovaram a lei que elimina a obrigatoriedade de a Petrobras ser a operadora dos campos do pré-sal, entregando ainda mais a exploração das reservas às multinacionais.

Não existe capitalismo humano

Os trabalhadores precisam chegar a algumas conclusões urgentes. A primeira delas é que as medidas de distribuição de renda, defendidas pelo PT como um grande avanço, além de não resolverem o problema fundamental da classe trabalhadora, foram pequenas, frágeis e temporárias. Mesmo assim, só foram possíveis porque houve uma conjuntura econômica favorável.

A segunda conclusão é que, quando as condições do capitalismo mudam e sobrevêm crises econômicas, essas pequenas melhoras na distribuição de renda são destruídas pelos capitalistas e pelos políticos a seu serviço. Como bons defensores do capitalismo, são os governos do PT que estão atacando as mesmas medidas que eles juraram defender.

Mas a conclusão mais importante é que, ao contrário do que diz a direção do PT, a raiz do problema da classe trabalhadora não está na distribuição desigual da riqueza, embora ela seja cada vez mais brutal e injusta. A explicação para a situação da classe trabalhadora no capitalismo, incluindo a exploração e a desigualdade, reside no



fato de que os meios de produção e distribuição da sociedade (fábricas, terras, infraestrutura e bancos) são propriedade privada dos grandes capitalistas.

O sistema capitalista de produção de mercadorias se baseia nessa propriedade privada dos meios de produção e, por meio dessa, na exploração dos trabalhadores que são os verdadeiros escravos modernos, os escravos assalariados de nossa época.

A lógica da concorrência entre proprietários privados no sistema capitalista é que haja uma tendência inevitável à acumulação e à concentração de capitais (ou seja, a eliminação dos mais fracos) e ao aumento da desigualdade. Pode haver uma melhora temporária, mas, quando sobrevêm as crises, produz-se, inevitavelmente, uma redução da renda nacional. A burguesia aumenta a exploração para preservar seus lucros e destrói as políticas distributivistas anteriores.

Por isso, ao contrário do que o PT sempre pregou, a desigualdade não se resolverá com pequenas melhoras na distribuição de renda. A situação dos trabalhadores só pode ser resolvida com a expropriação dos meios de produção. Isso significa arrancá-los das mãos dos grandes capitalistas e transformá-los em propriedade coletiva gerida por um governo dos trabalhadores e do povo pobre. Somente dessa forma é possível acabar com a exploração do homem pelo homem e atacar a desigualdade de forma duradoura.

Por último, é preciso dizer que as ilusões difundidas pelo PT tiveram um efeito nefasto para os trabalhadores. Fizeram retroceder tremenda-

mente sua consciência de classe, isto é, a consciência da sua inevitável situação de escravo assalariado dentro do sistema capitalista e da necessidade de organizar uma luta política como classe para acabar com este sistema.

A luta independente dos trabalhadores é a solução

As conclusões anteriores não significam que os trabalhadores não devam lutar dia a dia contra a desigualdade. Ao contrário, essa luta é fundamental para garantir a sobrevivência da classe trabalhadora. A defesa de melhores salários e postos de trabalho é um exemplo disso. O mesmo vale para a defesa de todas as conquistas da classe por menores que sejam.

O problema é que essas melhoras e conquistas só podem ser defendidas com muita luta e não com medidas supostamente bondosas que os capitalistas concedem com uma mão e tiram com a outra. E, principalmente, essa luta deve ter um objetivo: que a classe operária chegue ao poder e implante um governo de trabalhadores.

Uma luta conduzida dessa forma exige uma forte organização dos trabalhadores em sindicatos combativos e num verdadeiro partido dos trabalhadores, socialista, revolucionário, democrático e independente dos patrões. Exatamente o contrário do que representa o PT.

POR QUE O PT SE ENVOLVEU NA CORRUPÇÃO?

Um dos fatores de maior desgaste do PT é o envolvimento de vários dos seus dirigentes em escândalos, favorecimentos a grupos econômicos e negociatas com partidos de direita. As denúncias, as investigações e os processos têm tido uma resposta tão envergonhada por parte da direção do PT que é, praticamente, uma confissão de culpa. Dizem que não há provas em vez de dizer, categoricamente, que são calúnias. Dizem que houve tanta ou mais corrupção nos governos anteriores e só se investiga o PT. Isso é certo, mas não justifica a corrupção do PT e não nega as denúncias.

O problema é maior quando se pensa que o PT cresceu e chegou ao governo levantando a bandeira da ética na política, denunciando a corrupção dos governos de Sarney, Collor e FHC e prometendo um governo limpo. O povo, que confiou nesse discurso, agora se revolta contra os que, no poder, se transformaram num partido corrupto como os outros.

Luta de campos ou luta de classes?

A direção do PT se defende dizendo que as denúncias de corrupção são fruto de uma campanha reacionária, articulada pela mídia e pelos partidos de oposição para destruí-lo.

Segundo esse raciocínio, existiria um confronto entre a oposição de direita, conservadora, pró-imperialista e privatizadora, de um lado, e um governo de esquerda, progressista, nacionalista e desenvolvimentista de outro. A crise econômica internacional, ao atingir o Brasil, teria dado a

oportunidade para que a oposição de direita passasse à ofensiva. Haveria uma campanha de difamações e acusações sem provas e uma campanha midiática reacionária.

Ora, é certo que há uma crise econômica mundial que afeta o Brasil e que a oposição de direita vem se aproveitando dos escândalos de corrupção, da situação econômica do país e das dificuldades do povo para desartar uma ofensiva contra o governo e o PT. Mas é totalmente falso o argumento de que existe uma polarização entre uma oposição de direita e um governo de esquerda ou progressista.

Esta justificativa é típica da “teoria dos campos”, que explica as situações políticas não a partir da luta de classes entre patrões e trabalhadores, mas a partir de supostos enfrentamentos entre campos reacionários e campos progressistas, em que o suposto campo progressista seria uma composição policlassista entre trabalhadores, setores médios e setores burgueses progressistas.

Se isso fosse verdade, como explicar que partidos da velha direita, como o PMDB, PSD, PTB e até o PP de Paulo Maluf, compõem o suposto governo de esquerda encabeçado pelo PT? Por acaso, políticos que fazem parte do governo, como o vice-presidente Michel Temer, os ministros Kátia Abreu (ruralista), Joaquim Levy (banqueiro) e Guilherme Afif Domingos (empresário) passaram a ser progressistas?

Ou seriam progressistas políticos da base governista como José Sarney, Jáder Barbalho, Renan Calheiros, Sérgio Cabral, Pezão e muitos outros? A verdade é que o PT está aliado com alguns dos políticos mais reacionários e corruptos do país. Tão reacionários quanto José Serra, Geraldo Alckmin e Aécio Neves.

Na verdade, existem dois enfrentamentos na realidade política brasileira atual. O primeiro é uma luta dos trabalhadores e do povo para resistir aos ataques de toda a burguesia unificada pela política do ajuste fiscal. Nessa frente burguesa, estão o governo do PT, os governos estaduais, o Congresso Nacional e os empresários. Essa é a principal forma em que se expressa a luta de classes no país.

Mas também há uma disputa entre dois setores burgueses, um que está no governo (numa aliança do PT com PMDB, PSD, PTB e outros partidos) e outro que está na oposição (PSDB, DEM, PPS e Solidariedade).

Um pacto com empresários e banqueiros

A degeneração política do PT tem origem na opção por realizar uma política de aliança estratégica com o que eles chamavam de setor burguês progressista com o objetivo de governar o país.

Essa política de aliança foi sendo delineada pela corrente majoritária, conhecida por Articulação, durante os debates realizados no interior do PT ainda nas décadas de 1980 e 1990. Isso ficou muito mais claro a partir das eleições de 2002, quando Lula escolheu como vice-presidente da sua chapa José de Alencar, o maior industrial têxtil do país, e como ministros outros importantes empresários, como Furlan, na época dono da Sadia, e Henrique Meirelles, antigo executivo do Bank of America.

Nos oito anos do governo Lula, essa aliança se aprofundou. O PT abriu o governo ao PMDB, partido com o maior número de deputados e senadores no Congresso, PP, PTB, PDT e outros partidos burgueses.

Nos governos de Dilma, o pacto com a burguesia só foi mais para a direita. Primeiro, com a escolha de Michel Temer (PMDB) para o posto de



Dilma e Roseana Sarney (filha de José Sarney): base aliada dos governos petistas

vice-presidente e, depois, com a escolha de ministros cada vez mais reacionários representando o grande capital financeiro, industrial e agrário, como os já citados Joaquim Levy e Kátia Abreu.

Administrando o capitalismo

O pacto político do PT também tinha um objetivo econômico: garantir enormes lucros para as empresas imperialistas e nacionais.

Os governos do PT e seus aliados diziam defender os direitos dos trabalhadores, mas, na prática, trataram de privilegiar o capital financeiro, os bancos, o agronegócio e as empreiteiras. O PT fez pequenas concessões aos pobres, mas governou verdadeiramente para os patrões. Várias vezes, Lula afirmou que “nunca na história desse país, os empresários ganharam tanto dinheiro” e que os usineiros eram heróis. Não temos por que duvidar de suas palavras: ele sabia o que falava.

Os bancos foram os que mais lucraram com a política de juros altos e o pagamento rigoroso da dívida pública interna e externa. Por outro lado, o BNDES serviu para emprestar dinheiro a juros baixos ou investir em grandes grupos nacionais como a Brasil Foods (fusão entre Perdigão e Sadia) e a JBS-Friboi.

O Fies e o ProUni foram programas de favorecimento aos grandes grupos privados do setor educacional que passaram a receber repasses regulares de verbas públicas para financiar as bolsas dos estudantes universitários do setor privado.

O PT promoveu uma intensa política de privatizações disfarçadas sob a forma de concessões de portos, aeroportos, estradas, áreas de exploração de petróleo do pré-sal, beneficiando grupos privados. Por último, foram as grandes empreiteiras que acumularam enormes lucros com os contratos superfaturados de obras do Estado e da Petrobras.

Durante seu primeiro governo e sob pretexto de manter os postos de trabalho, Dilma concedeu um montante de R\$ 100 bilhões em isenções fiscais que beneficiaram diversos setores empresariais. Grande parte da crise fiscal do governo se deve a essa política.

Se analisarmos o problema desse ponto de vista, é fácil entender o processo de degeneração do PT. O partido optou por uma estra-

tégia de aliança com um setor da burguesia. Desenvolveu políticas de fortalecimento do capitalismo e de certos setores empresariais. Aceitou as regras do regime político e do Estado burguês e se envolveu até o pescoço em sua administração corrupta.

Assim, deixou de ser uma organização que expressava, de alguma maneira, ainda que de forma distorcida, as expectativas dos trabalhadores, para se transformar em mais um partido que defende o sistema capitalista e a ordem burguesa. Daí até a corrupção, foi só um passo.

Corrupção e capitalismo andam juntos

O envolvimento de dirigentes petistas em vários esquemas de corrupção não é um produto exclusivo do regime político brasileiro.

A corrupção não é um privilégio do Brasil. É parte indissociável do sistema capitalista. Num sistema que tem como base a grande propriedade privada, a obtenção cada vez maior de lucro e a concorrência entre grandes monopólios, conseguir o apoio do Estado e de suas instituições pode fazer uma enorme diferença para acumular capital e suplantar os concorrentes.

Por isso, no sistema capitalista, o parlamento funciona como um grande balcão de negócios. Empresários compram leis que favorecem a mineração, a indústria e o agronegócio, só para citar alguns exemplos.

Da mesma forma, o Executivo promove contratos superfaturados que geram imensos lucros a empreiteiras e outras concessionárias do governo ou garante subsídios e isenções de impostos que beneficiam outros setores.

O Estado e os capitalistas organizam grupos, como o Clube das Empreiteiras que dividia os contratos da Petrobras. Esses grupos, ou cartéis, dividem entre si os contratos e concessões do Estado, fixam o preço que querem, superfaturam obras, pagam propinas etc.

Nesse sistema, existem dois lados: políticos e funcionários corruptos e empresas e empresários corruptores. As empresas potencializam seus lucros, e os grupos mais fortes concentram mais capital. Já os políticos e funcionários enriquecem, acumulam dinheiro e se transformam em novos burgueses.

Por isso, não é estranho que políticos que começaram sua vida pública como advogados, médicos e engenheiros terminam milionários, exercendo unicamente a atividade política. É o caso de caciques como Antônio Carlos Magalhães, Orestes Quércia, Jáder Barbalho e tantos outros. A corrupção é um instrumento a serviço da acumulação capitalista baseada na pilhagem do Estado.

Não é casual, portanto, que o PT, ao aceitar administrar o Estado capitalista burguês, aliado às mais podres bandas dos partidos políticos burgueses, tenha se atolado até o pescoço em escândalos de corrupção. Na verdade, a lógica deste pacto carnal com a burguesia é a reprodução dos seus métodos.



Lula discute o apoio político de Paulo Maluf (PP) para a candidatura de Fernando Haddad (PT) para a prefeitura de São Paulo

O PT E A FARSA DA SOBERANIA SEM RUPTURA COM O IMPERIALISMO

Durante seus quatro governos, o PT semeou ilusões de que o Brasil pode chegar a ser um país desenvolvido, soberano e independente sem romper com o imperialismo e seus organismos e tratados. Ao contrário, procuraria alcançar esse objetivo em boas relações e com o consentimento dos Estados Unidos.

Essa estratégia, denominada “inserção soberana na globalização”, pregava a possibilidade do desenvolvimento autônomo do país para sair da sua condição de nação atrasada e dependente e chegar a ser um país capitalista plenamente desenvolvido. Esse processo se daria em harmonia dentro do sistema capitalista mundial controlado pelas grandes potências.

Indo mais longe, o PT propagou o objetivo de transformar o Brasil também numa grande potência capitalista. Para isso, os governos do PT procuraram, no terreno econômico, fortalecer grandes empresas nacionais apoiando sua expansão internacional por meio do BNDES. O partido colocou como objetivo conseguir para o Brasil um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU e se colocar à frente de um processo de integração latino-americana. No terreno militar, buscou fortalecer as Forças Armadas brasileiras, com o desenvolvimento de submarinos nucleares, o projeto do caça Saab Gripen e o reequipamento do Exército.

Hoje em dia, é evidente que essa política fracassou. A crise econômica mostrou que o Brasil nunca deixou de ser um país subalterno e dependente do imperialismo. O problema é que a inserção na globalização significa-

va, desde o princípio, uma política de submissão ao imperialismo em que a soberania ficava limitada aos discursos.

“Carta aos Brasileiros”: um compromisso com os banqueiros internacionais

Antes mesmo de ser eleito, Lula fez questão de deixar clara sua obediência às regras do capitalismo imperialista mundial. Durante a campanha eleitoral de 2002, publicou a chamada “Carta aos Brasileiros”, na qual se comprometia a respeitar todos os contratos firmados pelo Brasil.

Em outras palavras, isso queria dizer respeitar o pagamento da dívida pública, interna e externa, cujos credores principais são os grandes bancos e investidores internacionais. Para honrar o compromisso com o capital financeiro internacional, os governos do PT tiveram de manter a taxa de juros mais alta do mundo, condição de atração de novos empréstimos para pagar juros dos empréstimos anteriores.

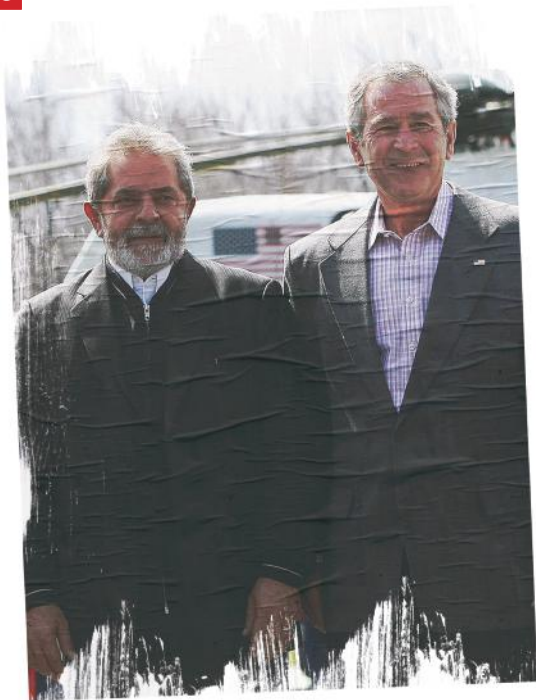
O pagamento da dívida teve como consequências a redução da capacidade do Estado de investir na infraestrutura do país (ferrovias, estradas, portos, aeroportos); a falta de recursos para um projeto abrangente de moradia popular; a falta de investimentos nos serviços públicos como saúde, educação e transporte etc.

Hoje, com crise, o governo Dilma prioriza o ajuste fiscal das contas do governo para conseguir pagar a dívida pública aos banqueiros internacionais e nacionais.

O que fez o PT ***Política econômica neoliberal***

Ao contrário de sua propaganda, os governos do PT não se opuseram à política econômica neoliberal que o imperialismo impõe ao mundo inteiro, mas a aplicaram religiosamente.

A submissão começou ao aceitar o papel imposto pelo imperialismo de o Brasil ser, essencialmente, uma economia exportadora de matérias primas como minério de ferro, soja, café e carne. São as chamadas commodities. Este lugar subalterno na economia mundial e a dependência de matérias primas, produtos que têm pouco valor agregado, tornam as economias dos países dependentes especialmente vulneráveis às oscilações de preços do mercado mundial.



O PT aceitou esse papel subordinado do país, procurando apenas tirar proveito da conjuntura de altos preços das matérias primas. Essa política agravou a crise da indústria brasileira, dominada pelo capital multinacional e voltada essencialmente a atender o mercado interno que perdia competitividade diante de produtos importados da China e de outros países onde a taxa de exploração dos trabalhadores é

ainda maior que no Brasil. Resultado: uma indústria mais fraca e um país mais dependente da tecnologia dos países imperialistas.

Privatizações do PT

Nas campanhas eleitorais, Lula e Dilma tiveram como um dos principais eixos o ataque às políticas de privatização do PSDB. O PT alertava que os candidatos daquele partido tinham propostas de privatizar as estatais que ainda restavam. A denúncia sobre as intenções do PSDB certamente era correta. No entanto, depois de eleitos, Lula e Dilma adotaram a mesma política privatista.

Para começar, o PT não desfez nenhuma das privatizações dos tuanos. Permitiu que se mantivesse o monopólio privado das empresas multinacionais como Vivo, TIM e Claro, que compraram por preço de banana as estatais do setor de telecomunicações.

Estatais privatizadas, como a Vale e a Embraer, continuaram em mãos de capitalistas privados. As ações da Petrobras e do Banco do Brasil continuaram a ser negociadas na Bolsa de Valores. A Petrobras também negocia suas ações na Bolsa de Nova Iorque, expondo a

maior empresa do Brasil às pressões e às leis dos investidores imperialistas.

A outra cara da moeda foi o incrível desenvolvimento de um programa petista de privatizações. Lula e Dilma deram um impulso enorme às privatizações de aeroportos, estradas, ferrovias e portos sob a denominação envergonhada de concessões. O ponto mais alto desse programa foi o leilão do campo de Libra, uma das maiores reservas do pré-sal, para as empresas petrolíferas multinacionais.

Agente dos Estados Unidos

Coerente com sua estratégia e longe de romper com o imperialismo, os governos do PT trataram de manter excelentes relações com os EUA. Ainda em dezembro de 2002, depois de eleito e antes de tomar posse, Lula foi recebido pelo presidente George W. Bush e declarou: *“Eu queria passar para o Bush a mensagem de que nós queríamos ter uma relação estratégica com os Estados Unidos. Nós não somos anti-imperialistas, apenas queremos respeito”*.

Lula saiu satisfeito do encontro com Bush: *“Tive uma excelente impressão. Volto ao Brasil convencido de que terei no presidente Bush um importante aliado nesta nova e decisiva etapa que se inaugura para a nação brasileira”*.

A relação de Lula com Obama continuou nos mesmos termos. Obama chegou a elogiar Lula como o político de maior prestígio no mundo. Se houve, durante um breve tempo, um atrito entre governo Dilma e EUA por causa da espionagem feita pelo governo Obama, esse já foi contornado, como mostra a próxima visita de Dilma a Washington.

Coerente com essa estratégia geral, os governos do PT continuaram participando das instituições do imperialismo, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial do Comércio (OMC) e a Organização dos Estados Americanos (OEA). Mais do que isso, Lula buscou um melhor posto no FMI e chegou a adiantar o pagamento da dívida que o Brasil tinha com essa organização.

Na verdade, o papel que o PT sempre aspirou para o Brasil foi o de um representante qualificado da política dos EUA. Isso significa cumprir o papel de uma submetrópole, ou seja, uma potência regional subordinada à potência principal, que cumpriria o papel que os Estados Unidos já não

podem cumprir devido ao repúdio à sua política. Ou seja, o papel de líder dentro de sua região. No caso, a América Latina.

Isso ficou mais claro quando o Brasil passou a liderar a ocupação da ONU no Haiti. O Brasil chefia o contingente das Nações Unidas, exercendo o papel de repressor das manifestações da população. Ao aceitar o papel sujo que os EUA não querem e não podem desempenhar, o governo do PT se torna responsável pelas denúncias de repressão, estupros e prostituição que pesam sobre a força de opressão do povo haitiano.

Não existe soberania sem ruptura

Evidentemente, esta postura subordinada nada tem de soberana. Mas até mesmo o pequeno papel de coadjuvante pretendido pelo PT não prosperou. A falência dessa estratégia se deve ao fato de que a crise da economia capitalista obriga o imperialismo a aumentar a exploração e a sujeição dos países dependentes.

Os países chamados emergentes, os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), não questionam esta ordem mundial. O banco internacional fundado por eles se propõe a ser uma instituição complementar ao sistema baseado no FMI e no Banco Mundial. A própria China, o mais importante país dos BRICs, afirma abertamente que segue o sistema mundial encabeçado pelos EUA.

O Brasil, como qualquer país dependente e subalterno numa economia capitalista imperialista, não pode ser soberano, nem crescer até chegar a ser um país desenvolvido, sem romper os pactos econômicos e políticos que o submetem ao imperialismo.

O fim da exploração que suga as riquezas de nosso país exige a ruptura com FMI, Banco Mundial e OMC; com os pactos políticos e militares com os EUA; o não pagamento das dívidas externa e interna aos grandes capitalistas; e a expropriação das empresas imperialistas.

No governo, o PT se recusou a tomar essas medidas corajosas e nunca tentou sequer resistir à opressão imperialista. Com isso, demonstrou claramente sua incapacidade para lutar pela independência nacional do país. Essa tarefa recairá sobre a classe trabalhadora. Para isso, será necessário construir outro partido que a conduza neste caminho.

O QUE É?

IMPERIALISMO

O imperialismo é a fase atual do capitalismo na qual predomina o domínio do capital financeiro a partir da fusão do capital bancário com o industrial. No capitalismo atual, a produção é tão grande e gigantesca que a livre concorrência foi substituída pelo monopólio. Isso significa que há uma tendência ao desaparecimento das pequenas empresas, que são cada vez mais substituídas pelas grandes e por multinacionais como Carrefour, GM, Extra, Pão de Açúcar, entre outras.

Quando a fome por lucros aumenta, os monopólios buscam a única solução viável para seus problemas: a conquista do mercado mundial. É a partir daí que as grandes potências, como EUA, Alemanha, França, Japão etc., dividem o mundo entre si pra controlar um determinado mercado nacional de um país.



É POSSÍVEL REFORMAR O ESTADO BRASILEIRO E SEU REGIME POLÍTICO?

As revelações das delações premiadas de empreiteiros, doleiros e a mais destacada de Delcídio do Amaral, ex-líder do governo no Congresso, caíram como uma bomba para o governo e para o PT.

A direção do PT vem se defendendo, dizendo que a corrupção do regime político brasileiro é provocada pelo financiamento das campanhas eleitorais por grandes empresas privadas. Isso corromperia todos os partidos, não só o PT. Por isso, propõe uma reforma política e defende o financiamento público das campanhas eleitorais e o fim do financiamento pelas empresas.

É óbvio que o regime político brasileiro é um dos mais podres do mundo. As grandes empresas compram os partidos e candidatos com suas doações que, na verdade, são empréstimos cobrados quando os políticos se elegem.

Mas a podridão da política brasileira não justifica, de jeito nenhum, a corrupção do PT. Bastaria a direção desse partido recusar as doações de empresas e fazer suas campanhas eleitorais com contribuições e campanhas financeiras de militantes e simpatizantes, como fazia em seus primeiros anos de existência.

No entanto, a discussão é muito mais profunda. O problema é se essas reformas (ou outras) significariam uma mudança no Estado e no sistema político brasileiro a favor dos trabalhadores e do povo pobre. Mais ainda, se com essas mudanças o Estado poderia ser utilizado pela classe trabalhadora e pelos setores oprimidos a favor dos seus interesses.

A direção do PT acredita que sim. Em sua visão, Estado e regime seriam instituições progressivas que devem ser defendidas e reformadas apenas em alguns aspectos negativos. Antes mesmo de eleger Lula presidente do país, o PT já assumia essa postura sob a justificativa de defender o Estado de Direito. Isso se expressa na defesa que a direção do partido faz de instituições como o Congresso Nacional, o Judiciário, a Polícia Federal e as Forças Armadas.

Seus dirigentes podem pregar algumas mudanças no regime, como a reforma política, mas pretendem governar o Estado tal como é. Essa é a sua estratégia.

Poder e opressão

Estado é uma máquina para garantir a exploração

O problema é que o Estado brasileiro, como todo Estado burguês capitalista, é um instrumento de opressão para garantir a dominação de uma classe exploradora sobre outra classe explorada. Basta ver que a democracia que temos só garante os direitos dos ricos. Os pobres têm os seus direitos constantemente violados.

Nas eleições, no Congresso, nas assembleias legislativas e nas câmaras de vereadores, prevalece o poder econômico. Empresas compram os políticos para que aprovem leis de seu interesse sobre mineração, terras, terrenos urbanos e retirem direitos dos trabalhadores.

Nos governos estaduais, em prefeituras e na presidência da República, vigora um sistema permanente de corrupção. As empresas pagam para ter contratos de obras e prestação de serviços a preços superfaturados. Todos os partidos se beneficiam, e as empresas muito mais. O Judiciário garante a impunidade para os ricos e castiga os trabalhadores e demais setores explorados que lutam por salários, terra e moradia.

A polícia garante a propriedade dos ricos, atacando e desalojando os que ocupam terrenos urbanos e terras porque precisam de um lugar para morar ou plantar. As PMs implantam um regime de terror contra a população pobre e negra das favelas, executando milhares de jovens por ano.

A repressão policial se apoia nas Forças Armadas, que mantêm a mesma estrutura da ditadura. Nenhum dos militares que torturaram e assassinaram foi punido, pois as Forças Armadas protegem os que aplicaram sua política de Estado contra seus opositores políticos.

Os trabalhadores ainda vivem sob uma ditadura dentro das empresas: não há liberdade de expressão, nem de organização sindical em seus locais de trabalho. Os protestos e greves são punidos com demissões, como mostram os 42 ativistas demitidos do Metrô de São Paulo pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB).

O sistema eleitoral corrupto simplesmente está estruturado para manter essa situação, garantindo que os mesmos partidos (PMDB, PSDB, DEM e outros) continuem no poder. Não é por acaso que a reforma política que estão fazendo é para impor cláusulas de barreira aos partidos de esquerda e impedir que os mesmos cresçam.

As televisões e rádios, que são concessões do Estado, defendem esse sistema. Se agora denunciam a corrupção, é simplesmente porque estão em oposição ao governo do PT e querem desgastá-lo.

A conclusão é evidente: este Estado e este regime político são uma máquina de exploração, opressão e corrupção que não podem ser reformados. A libertação da classe trabalhadora e de todos os setores oprimidos só é possível destruindo este monstro.



Jacques Wagner é uma figura chave no governo Dilma. Quando jovem, integrou a Organização Sionista no Brasil e, hoje, mantém relações estreitas com líderes israelenses.

Pagando caro

O PT na defesa do Estado e do regime corrupto

Ao defender o Estado e o regime político brasileiro, a direção do PT causou um enorme dano à classe trabalhadora. Primeiro, porque, ao fazer alianças com partidos corruptos e de direita, como PMDB, PDT e PP, ajudou instituições desprestigiadas como o Congresso e os políticos desses partidos a continuarem no poder. Além disso, deixou de denunciar essas instituições. Ficou para trás a época em que Lula classificava o Congresso como uma instituição “com mais de 300 picaretas”.

Pior, o PT defendeu as instituições mais repressoras do Estado: as Forças Armadas e a polícia. Os governos do PT não fizeram nada para julgar os militares acusados de crimes durante o regime militar e reservaram à Comissão Nacional da Verdade um papel meramente decorativo. Quando tiveram as PMs estaduais e a Polícia Federal sob seu comando, ordenaram a repressão aos movimentos sociais, como foi o caso da atuação da Força Nacional ao reprimir as rebeliões dos trabalhadores das hidrelétricas de Jirau, Santo Antônio e Belo Monte.

Essa defesa do Estado burguês é tão desastrosa que, agora, a burguesia utiliza essas mesmas instituições, como a Polícia Federal, o Ministério Público e o Judiciário, para atacar e enfraquecer o próprio PT.

Por fim, um dos aspectos mais negativos da ação do PT foi levar a classe trabalhadora a acreditar que não existe nenhuma alternativa a esse Estado e ao regime político existente. Muitos companheiros de luta, alguns que apoiam o PT e, inclusive, outros que já não acreditam nesse partido dizem que o PT não podia ter feito nada diferente, já que não é possível derrubar esse sistema. Nada mais falso.

Olhar para trás

O que a história nos ensina

Revoluções socialistas, em diferentes momentos da história, destruíram estados burgueses e expropriaram as fábricas e os negócios da burguesia. Foi assim na Rússia, em 1917, na China, em 1949, em Cuba, em 1959, e em vários outros países. Apesar de o capitalismo ter sido restaurado nesses países, essas revoluções deixaram importantes lições sobre que tipo de Estado e regime político os trabalhadores necessitam e podem construir. Queremos destacar dois exemplos.

A Comuna de Paris, em 1871, mostrou que os trabalhadores podem construir seu próprio Estado, em que os funcionários não tenham privilégios e não recebam salários maiores que os de um operário especializado. A Comuna adotou, também, pela primeira vez, o critério de que os mandatos dos representantes do povo seriam revogáveis a qualquer momento.

Na Revolução Russa de Outubro de 1917, surgiu, pela primeira vez, o regime político dos soviets, que eram conselhos de deputados operários e camponeses. Os deputados eram eleitos somente pelos trabalhadores e pelos setores populares. Burgueses e donos de terra não podiam eleger nem ser eleitos e, portanto, nem usar seu poder econômico. Os soviets nomeavam um governo de trabalhadores e camponeses.

Lenin, dirigente da Revolução Russa, dizia:

“A teoria de Marx deixou clara a verdadeira tarefa de um partido socialista revolucionário: não inventar planos de reestruturação da sociedade, nem ocupar-se de pregar aos capitalistas (...) sobre a necessidade de melhorar a situação dos operários, (...) mas sim organizar a luta de classe do proletariado e dirigir essa luta, que tem como objetivo final a conquista do poder político pelo proletariado e a organização da sociedade socialista.”

Essas palavras estão mais atuais do que nunca para quem quer construir um partido que defenda de verdade os interesses dos trabalhadores.

O QUE É? ESTADO

Instrumento que permite à classe exploradora impor sua ditadura sobre as classes exploradas. No mundo moderno, a classe exploradora é a burguesia, formada pelos grandes capitalistas, donos de bancos, indústrias, comércios e terras. O Estado moderno é formado pelo conjunto de instituições (Poder Executivo, Parlamento, Poder Judiciário, polícia e, principalmente, Forças Armadas) que permite à burguesia exercer sua dominação.

O QUE É? REGIME POLÍTICO

Forma como a classe exploradora dominante governa. Ou seja, por meio de qual ou quais instituições a classe exploradora exerce seu domínio. Por exemplo, se as Forças Armadas exercem o governo diretamente, temos um regime militar ou uma ditadura. Se a burguesia governa através do Parlamento e de um Executivo eleitos, temos um regime político democrático-burguês.



O BALANÇO DE UM FRACASSO

Esta série teve como objetivo sistematizar o que dizemos há muitos anos sobre a degeneração do PT. É hora de alinhar as conclusões sobre este processo e suas implicações para a classe trabalhadora.

Numa das reuniões em que discutíamos a degeneração do PT, uma companheira fez uma pergunta que pode ser a dúvida de muitos: *“Concordo que este partido tomou um caminho oportunista, de aliança com a burguesia e se corrompeu, mas poderia ter feito diferente?”*. E completava seu raciocínio assim: *“Todos sabemos que o PT não era, não é e nunca se propôs a ser um partido revolucionário. Propunha algumas reformas no sistema capitalista. Ao se integrar ao sistema, se degenerou. Mas esse partido não fez o que era possível? As reformas feitas nestes 12 anos em que governou o Brasil não melhoraram a vida dos trabalhadores?”*, perguntou.

Responder a essas perguntas é fundamental. Embora o prestígio do governo Dilma esteja no “volume morto”, como disse Lula, é possível que muitos trabalhadores ainda tenham uma visão positiva das reformas do seu governo. Ou, ainda, que confiem que uma volta do ex-presidente Lula seria uma solução para a crise do PT e do país. Nada mais falso e perigoso.

Negativo para a classe trabalhadora

O balanço dos 35 anos de existência e mais de 12 anos de governo do PT é extremamente negativo para a classe trabalhadora. E por que negativo? Principalmente porque o PT fez retroceder a consciência e a or-

ganização independente da classe trabalhadora. É preciso entender esse processo.

Na primeira década de sua existência, o partido cumpriu um papel positivo. O PT e, principalmente, a CUT se contrapunham aos partidos e organizações burgueses. Mas esse papel positivo era muito mais o resultado da pressão das grandes lutas dos trabalhadores por seus direitos e contra a ditadura do que da vontade dos seus dirigentes.

Após a derrota de Lula para Fernando Collor, em 1989, a direção do PT, nas mãos da tendência Articulação, assegurou o rumo que queria dar ao partido: a conciliação com partidos burgueses e com o empresariado nacional e internacional. Deu no que deu.

Fortalecendo os inimigos de classe

No governo, o PT priorizou o apoio ao grande capital financeiro internacional e nacional, isto é, aos grandes bancos, empreiteiras, montadoras de veículos, empresas de agronegócio etc. Ao apoiar os capitalistas e permitir que tivessem enormes lucros, fortaleceu o principal inimigo da classe trabalhadora. Hoje, aproveitando-se do pretexto da crise econômica, a burguesia se apoia no governo do PT para atacar violentamente os trabalhadores, retirando conquistas, baixando salários e gerando desemprego.

Ao fazer alianças com partidos burgueses desprestigiados, como o PMDB, o PT ajudou a recuperar os mesmos. Agora, os trabalhadores sofrem com os ataques destes supostos aliados que estão à frente de um Congresso que é uma verdadeira quadrilha. Também fortaleceu o Estado burguês e suas instituições mais reacionárias como as Forças Armadas, o Judiciário e a Polícia Federal.

Portanto, a direção do PT vem desarmando a classe trabalhadora diante da classe inimiga e de seus representantes políticos e funcionários, levando-a a acreditar que eram seus aliados e a confiar neles.

Por outro lado, convenceu os trabalhadores de que a solução de seus problemas passava pelo voto e não pela luta permanente contra a exploração. Não seria necessário lutar, e sim votar no PT. Como parte desse convencimento, vendeu a ideia de que as reformas sociais (Bolsa Família, salário mínimo, moradia e outros) eram fruto do bom governo do PT e não, como de fato foram, fruto de décadas de lutas populares.

*Índices de rejeição
ao governo do PT
chegam a quase 70%
em 2016*



Enfraquecendo a organização coletiva e a consciência de classe

Ao mesmo tempo, a direção do PT reforçou a ideologia capitalista do progresso individual pela educação, pelo trabalho duro, pelo empreendedorismo e pelo mérito. Dessa maneira, incentivou a competição individual entre os trabalhadores e a falsa ilusão de que a maioria pode avançar, desse modo, numa sociedade em que menos de 1% acumula uma gigantesca riqueza baseada na exploração do trabalho dos outros 99%. Assim, debilitou a consciência coletiva de classe dos trabalhadores que necessitam se organizar para lutar por seus direitos e interesses contra quem os explora.

Pior ainda, promoveu um retrocesso brutal na organização dos trabalhadores. Primeiro, estimulou a criação de uma enorme burocracia sindical na CUT. Depois, atrelou a CUT, o MST e a UNE ao governo, cooptando sindicalistas como ministros ou em milhares de postos de confiança. Os governos do PT destinaram parte do imposto sindical às centrais sindicais para criar organizações governistas domesticadas. Com essas medidas, o papel dos sindicatos passou a ser o de defender totalmente as políticas do governo e não os interesses da classe trabalhadora.

Por fim, danificou a confiança da classe trabalhadora em suas próprias organizações ao se envolver na corrupção que sempre caracterizou o regime político burguês, especialmente no Brasil.

A propaganda e a ação política do PT levam à mesma conclusão: o capitalismo seria um sistema nacional e internacional inevitável, impossível de ser superado. Portanto, resta aos trabalhadores se submeterem às normas e leis do capitalismo. Ou seja, segundo essa visão, a classe trabalhadora não pode governar o Brasil nem nenhum país do mundo e, logo, precisa aceitar a exploração, as regras de mercado, as políticas neoliberais e manter boas relações com as potências imperialistas.

Por tudo isso, a resposta à dúvida da companheira é clara: a ação política e a propaganda do PT causaram um enorme dano à classe trabalhadora, muito maior do que qualquer reforma. Aliás, como se não bastasse, essas mesmas reformas estão sendo, atualmente, destruídas pelo próprio PT.

É preciso um partido revolucionário e socialista!

A classe trabalhadora brasileira está vivendo o fim de uma era: durante 35 anos, construiu o PT e a CUT. Essas organizações e seu máximo dirigente, Lula, foram a liderança reconhecida dos trabalhadores.

Agora, milhões se desiludiram e se sentem traídos. Diante das medidas do governo Dilma contra o povo pobre e das evidências de corrupção, muitos o repudiam.

O PT ainda vai receber muitos votos e ainda manterá alguma força, mas seu projeto de criar um grande partido que fosse a principal alternativa política da classe trabalhadora está sendo questionado por todos os lados. Essa nova situação abre um período de dúvidas e confusões para milhões de trabalhadores.

Novos partidos se lançam para disputar a simpatia e as atenções desses trabalhadores. Surgem alternativas baseadas em velhos pelegos, como o Solidariedade, dirigido pelos líderes da Força Sindical. Outros se apresentam como oposição de esquerda ao governo do PT, como o PSOL.

Estamos vivendo um destes momentos históricos em que a classe trabalhadora está descartando um velho instrumento que já não serve mais para a sua luta e começa a experimentar novas ferramentas. Mas,

para que a construção de um novo instrumento seja bem sucedida, é preciso extrair as lições da experiência com o PT.

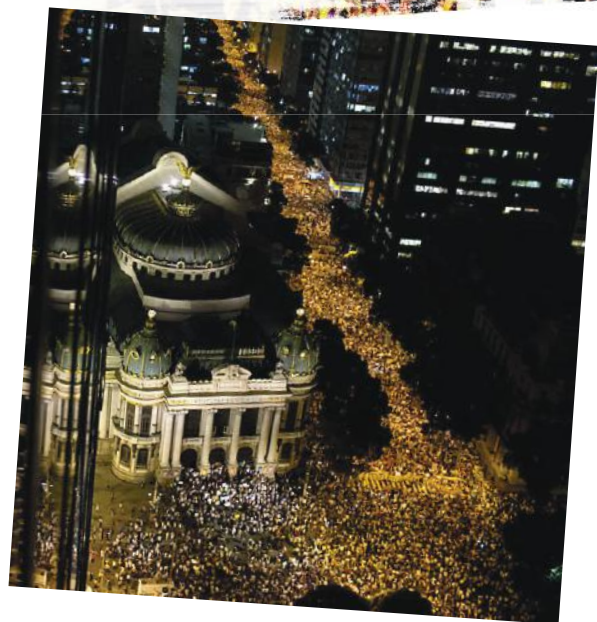
Partidos como o PSOL, apesar de se colocarem em oposição ao PT, repetem a mesma estratégia e a mesma política: priorizar a eleição de deputados e não a participação nas lutas sociais e na mobilização popular, limitar-se à luta por reformas, adaptar-se às instituições do capitalismo e conciliar com a burguesia. O resultado pode ser pior do que foi para o PT, porque, ao PSOL, falta a base operária e sindical que aquele tinha.

Oposto ao PT

Um partido da classe trabalhadora, para que seja digno desse nome, tem de ser o oposto do PT. Deve rejeitar qualquer ilusão de reforma do capitalismo. Deve procurar dirigir a classe operária para que ela lute para instalar um governo de trabalhadores que acabe com a exploração e construa uma sociedade socialista.

Para atingir esse objetivo, esse partido deve organizar e estimular a luta cotidiana e permanente da classe trabalhadora e dos explorados e oprimidos e procurar unificar e politizar a luta até criar as condições para uma revolução socialista, única forma de acabar com o Estado burguês corrupto e opressor e com o sistema capitalista explorador.

Não basta, porém, a um partido de e para os trabalhadores ter um objetivo e um programa corretos. É preciso, também, que sua organização, sua democracia interna, sua moral, a integridade e a honestidade de seus dirigentes e militantes sejam impecáveis. Nenhum privilégio político ou material pode haver para os dirigentes e militantes. Os parlamentares têm de ganhar o mesmo salário que recebiam como trabalhadores. A base deve controlar os dirigentes e todos devem estar obrigados a cumprir as decisões democráticas dos organismos do partido. Plena liberdade de discussão e decisão das principais políticas do partido. Esses são alguns fundamentos para resgatar a confiança dos trabalhadores em sua organização política. Essa é a grande tarefa dos revolucionários nesta época de grandes mudanças.



*Jornadas de Junho,
em 2013, marcam
a ruptura com as
velhas direções*

CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA PARA OS TRABALHADORES

Ao longo deste trabalho que analisa a trajetória e a degeneração do PT, chegamos a algumas conclusões fundamentais para a classe trabalhadora brasileira sobre o que foi o seu principal partido nos últimos 35 anos.

O PT cresceu e chegou a ser o maior partido do Brasil com promessas de melhorar a vida da população pobre pela distribuição de renda. Mas a realidade foi outra. As pequenas melhorias que foram feitas em seus governos estão sendo retiradas aceleradamente no ritmo da crise econômica.

Do outro lado, aparecem os compromissos do PT com os políticos e partidos burgueses, as grandes empreiteiras, os bancos etc. Em resumo, com o grande capital nacional e imperialista e seus representantes políticos. Dessas alianças nasceu o enorme envolvimento do PT com a corrupção.

Para aplicar e garantir esses acordos, a direção do PT amarrou as organizações sindicais e do movimento social (CUT, UNE, MST e outras) ao governo e atraiu a maioria dos seus dirigentes e quadros a postos bem remunerados no Estado. Durante estes anos, procurou anestesiar o movimento dos trabalhadores para que não lutasse.

Não há como escapar dessas conclusões. Milhões de trabalhadores aprenderam essas lições através da dura realidade da crise econômica e dos ataques do governo. Daí a enorme insatisfação popular com Dilma e com o PT. Grande parte dessa insatisfação vem dos seus próprios eleitores.

Pode ser que o PT se recupere eleitoralmente no futuro, mas a confiança da classe trabalhadora no PT como alternativa para um Brasil melhor foi profundamente abalada.

Está mais do que na hora de os trabalhadores construírem uma alternativa política nova. É preciso começar a discutir no interior dos sindicatos e das organizações do movimento popular quais seriam as bases políticas para a organização dessa alternativa, de um verdadeiro partido socialista dos trabalhadores. Apresentamos alguns dos fundamentos principais em que deve se basear um partido desse tipo.

Capitalismo conduz a humanidade à destruição

O mundo em que vivemos, dominado pelo sistema capitalista, é cada vez mais um cenário de miséria e de degradação humana. O capitalismo está imerso numa enorme crise econômica que atinge todo o globo.

Para manter seus lucros, os grandes grupos econômicos jogam a crise nas costas dos trabalhadores, reduzindo salários, levando milhões ao desemprego, cortando conquistas sociais e serviços básicos como saúde, educação, transporte e moradia. Os países imperialistas ricos exploram cada vez mais os países pobres, sugando seus recursos naturais a preço de banana.

Um bilhão de seres humanos passa fome. Guerras por petróleo e outras riquezas naturais levam a milhões de mortos. O narcotráfico e a violência atingem brutalmente as camadas mais pobres da população. A exploração desenfreada dos recursos naturais ameaça o mundo inteiro com o aquecimento global que provoca mudanças climáticas e desastres naturais crescentes.

Ao contrário do que pregam o PT e outros partidos da esquerda, o capitalismo não pode ser reformado. É preciso destruir este sistema de exploração do homem pelo homem e dos países pobres por um punhado de países ricos.

Os trabalhadores são obrigados a lutar todos os dias por seu salário, seu emprego e suas condições dignas de vida. Mas essa luta, que exige enormes sacrifícios, será eterna e inútil se não tiver como objetivo acabar com o capitalismo e construir uma sociedade socialista. Esse tem de ser o objetivo de um partido da classe trabalhadora.

Socialismo não é utopia: é uma necessidade

Os defensores do capitalismo dizem que um sistema socialista em que não haja explorados nem exploradores e em que todos tenham condições de vida dignas é uma utopia. Que sempre existirão ricos e pobres.

Na verdade, utópico é tentar humanizar o capitalismo. É impossível conseguir justiça social, distribuição de renda e soberania dos povos dentro de um sistema baseado na exploração do homem pelo homem, na guerra e na destruição da natureza.

Basta olhar o mundo ao redor. Apesar da luta heroica e constante dos trabalhadores e dos povos, a desigualdade social cresce cada vez mais: 400 multimilionários concentram uma riqueza igual à da metade da humanidade.

Esses grandes exploradores defendem com unhas e dentes seus privilégios e não vacilam em reprimir e massacrar os explorados para manter suas propriedades e seu capital. Para acabar com esse sistema, é preciso uma revolução socialista que exproprie as propriedades de grandes banqueiros e capitalistas e instaure uma economia organizada em bases coletivas.

Longe de ser uma utopia, a revolução é a necessidade mais urgente e profunda da humanidade para salvar o mundo da barbárie capitalista

Socialismo é um sistema mundial

A partir de uma revolução num país, será preciso estendê-la a todos os países. O socialismo exige uma economia mundial planejada a serviço dos trabalhadores para dar moradia, saúde, educação, lazer, liberdade e paz, ou seja, uma vida digna para todos.

Com o fim da exploração do homem pelo homem, será possível acabar com a exploração de um país por outro e, logo, com as guerras. O socialismo abrirá o caminho para acabar definitivamente com a opressão às nacionalidades, às mulheres, aos negros, aos indígenas e aos LGBTs.

Os propagandistas da burguesia dizem que o socialismo fracassou, tomando o exemplo da ex-União Soviética, da China e dos países do Leste Europeu. Mas as grandes revoluções desses países foram apropriadas por burocratas privilegiados que traíram os trabalhado-



res, instalaram brutais ditaduras e, décadas depois, restauraram o capitalismo. Nenhum desses países foi socialista.

Classes e setores populares têm enfrentado e derrotado a burguesia no decorrer da história, mas a classe operária é a única que pode conduzir todos os explorados e oprimidos do mundo ao poder e construir o socialismo. Esse papel decorre do seu próprio lugar na sociedade capitalista, do seu trabalho coletivo, que facilita a sua organização e a sua luta permanente para defender seu salário e suas condições de vida.

A libertação dos trabalhadores só poderá ser obra dos próprios trabalhadores. Por isso, um verdadeiro partido socialista procura impulsionar a organização, a mobilização dos trabalhadores e a confiança em suas próprias forças para que possam governar o país e o mundo.

O objetivo de uma revolução socialista é implantar um governo de trabalhadores baseado em conselhos populares. Esse novo tipo de governo terá como tarefa erguer outro tipo de Estado, varrendo a corrupção e eliminando os privilégios dos altos funcionários.

O governo dos trabalhadores estabelecerá a mais ampla democracia. Todos os representantes eleitos terão mandatos revogáveis a qualquer momento e não poderão ganhar mais do que um trabalhador especializado.

Independência de classe

A confiança que permitirá aos trabalhadores chegar ao poder se baseia em sua total independência de qualquer setor burguês. A burguesia é a classe exploradora e inimiga a ser derrotada. Toda aliança com setores burgueses supostamente progressistas, como defendem o PT e outros partidos de esquerda, é uma traição que só leva a derrotas e desmoralização.

As únicas alianças dos trabalhadores que fortalecem sua luta são com os setores populares, os sem-teto, os camponeses sem terra, os pequenos proprietários agrícolas, os setores oprimidos e os estudantes.

Um partido operário, socialista, revolucionário e internacionalista

Para organizar a luta dos trabalhadores, dar sentido e objetivo a ela, é preciso um partido político de nossa classe. Sabemos que, ao se decepcionarem com o PT e com a política nacional, muitos trabalhadores passaram a rejeitar todos os partidos. Essa reação é muito compreensível, mas errada.

Os movimentos sociais, os sindicatos, ainda que fundamentais, são insuficientes para conduzir a luta da classe trabalhadora. Só um partido pode transmitir a experiência de mais de dois séculos de lutas operárias e defender um programa para que os trabalhadores possam tomar o poder.

Um partido que tenha como objetivo conduzir a classe operária à tomada do poder não pode ter como principal meta a eleição de deputados para o parlamento burguês. Participamos das eleições para divulgar as ideias e o programa socialistas, fortalecer a luta dos trabalhadores, denunciar a política burguesa e fortalecer o próprio partido revolucionário. Se elegermos deputados, será para fortalecer essa luta.

A organização de um partido verdadeiramente revolucionário exige total liberdade de discussão e uma atuação organizada. Parte fundamental desta democracia é que todos os dirigentes se submetam às decisões coletivas e sejam fiscalizados pela base.

Essa experiência não é nacional. Vem de inúmeras revoluções protago-

nizadas pela classe trabalhadora desde a Comuna de Paris de 1871. A luta dos trabalhadores pelo socialismo é internacional, e seu partido também tem de ser parte de um partido internacional, seguindo a tradição da I, II, III e IV internacionais.

É um partido desse tipo que o PSTU quer e está construindo. Por isso, somos parte de uma organização internacional de partidos irmãos com os mesmos objetivos: a Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI). Hoje, essa tarefa não só é imediata, mas urgente. As ideias que desenvolvemos neste trabalho dirigem-se, principalmente, aos milhares de trabalhadores que despertam para a luta e já não têm o PT como referência. Ao contrário, sentem-se traídos. Nosso chamado é para que se juntem a nós neste esforço decisivo.



Crise e degeneração do PT e a construção de uma
alternativa socialista e revolucionária
por Bernardo Cerdeira

Uma publicação do jornal Opinião Socialista, ano 19

Av. Nove de Julho, 925, São Paulo (SP)

Impressão: Grafis
Revisão: Luciana Candido
Diagramação: Romerito Pontes



**PARTIDO SOCIALISTA
DOS TRABALHADORES UNIFICADO**



www.pstu.org.br



PSTU Nacional